

CONTRATO Nº 3956/91
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III Nº 31/34
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

De Gutenberg a Bill Gates, caminhos e descaminhos da literatura

■ A epopéia de
um candango

■ A história
das HQs

ampliar a formulação de Ángel Rama, identificando nele não só o inventor ou o mecânico, mas também o homem que trabalha e conhece seu meio, que domina seu "ambiente" e só por isso está em condições de abordá-lo literalmente. Este ressaibo da filosofia positivista spenceriana - muito em voga no Rio da Prata no fim do século XIX - demonstra até que ponto ele se tornou prisioneiro de uma racionalização mecânica. O próprio Quiroga não vacilou em definir-se, em seu artigo "Los trucos del perfecto cuentista": "Não se conhece nenhum criador de contos campeiros, mineiros, marinheiros, andarilhos, que antes não tenha sido, com maior ou menor eficácia, campeiro, mineiro, marinheiro e andarilho de profissão, isto é, elemento fixo de um ambiente que mais tarde aproveitará (...) em seus relatos de cor local".

Ainda segundo Rocca, além dos paradigmas ideais (quase ideomíticos) que deram a Quiroga uma razão para viver, na sua trajetória de escritor, a literatura se apresentou como problema, muito mais do que ele admitiu na correspondência com amigos. Se, como pensava Borges, ler é um modo de criar, Quiroga tratou de formar uma "família literária". Essa família criada - não legada pela carente tradição narrativa do Rio da Prata - quase não tinha residência em sua própria língua. Poe, Maupassant, Kipling, Tchekhov, Bret Harte, Jack London, Dostoiévski e Leopoldo Lugones ensinaram Quiroga a escrever desde o princípio da carreira, por volta de 1899, ou em distintos estágios de seu trabalho criativo.

À deriva

□ Horácio Quiroga

O homem pisou em algo mole e logo sentiu a mordida no pé. Saltou para a frente, e ao voltar-se, praguejando, viu uma jararacuçu que, enrolada, esperava outro ataque.

Deu uma rápida olhada no pé, onde duas gotinhas de sangue cresciam dificultosamente, e tirou o facão do cinto. A víbora pressentiu a ameaça e afundou a cabeça no centro de sua espiral, mas o facão desceu e, batendo de dorso, esmagou-lhe as vértebras.

O homem abaixou-se, limpou o sangue e por um momento ficou olhando o ferimento. Uma dor aguda nascia dos dois pontinhos violáceos e começava a invadir todo o pé. Apressadamente, atou o tornozelo com o lenço e seguiu pela picada em direção ao rancho.

A dor no pé aumentava, com sensação de hispido intumescimento, e sem demora o homem sentiu duas ou três elétricas pontadas que, como relâmpagos, irradiavam-se da ferida para a panturrilha. Movia a perna com dificuldade, e uma secura metálica na garganta, seguida de uma sede abrasadora, fez com que novamente praguejasse.

Chegou, por fim, ao rancho, e deixou-se cair de bruços sobre a roda de um engenho. Os pontinhos violáceos tinham desaparecido na monstruosa inchação do pé. A pele parecia mais fina, esticada a ponto de rasgar. O homem quis chamar sua mulher e só pôde emitir um ronco arrastado de garganta ressequida. A sede o devorava.

- Dorotea! - conseguiu chamar, num estertor. - Me dá canha!

A mulher correu com um copo cheio, que o homem bebeu em três goles. Mas não sentiu gosto algum.

- Te pedi canha, não água - rugiu de novo. - Me dá canha!

- Mas é canha, Paulinho - protestou a mulher, espantada.

- Não, me deste água! Quero canha!

A mulher correu outra vez, retornando com o garrafão. O homem tomou dois copos um atrás do outro, mas não sentiu nada na garganta.

- Bueno, isso está ficando feio... - murmurou, observando a lividez do pé e o lustro gangrenoso que se espalhava.

Na atadura, desbordava a carne qual abominável morcilha. As dores faiscantes se sucediam num contínuo lampejar e já alcançavam a virilha. Aumentava também a atroz secura da garganta, que a respiração tornava ardidada. Quando quis se levantar, um vômito fulminante o manteve por meio minuto com a testa apoiada na roda de madeira.

Mas o homem não queria morrer. Desceu até a margem do rio e embarcou na sua canoa. Sentou-se à popa e começou a remar para o centro do Paraná. Nesse trecho, perto do Iguazú, o rio corria a seis milhas e haveria de levá-lo em cinco horas a Tacurú-Pucú.

Com sombria determinação pôde chegar ao meio do rio, mas ali suas mãos dormentes abandonaram o remo no fundo da canoa. Outra golfada de



vômito -
aguara de san-
gue - e ele diri-
giu o olhar ao sol
que se escondia
atrás do mato.

A perna inteira, até parte da coxa, transforma-se num bloco disforme, duro, que esgarçava a roupa. O homem pegou a faca, cortou a atadura e também a calça: o ventre saltou, tumefacto, com grandes manchas azuladas e terrivelmente doloroso. Ele admitiu que jamais chegaria a Tacurú-Pucú e resolveu pedir ajuda ao seu compadre Alves, embora desde muito estivessem de relações estremecidas.

A corrente do rio se precipitava para a margem brasileira e o homem, facilmente, pôde alcançá-la. Arrastou-se barranca acima, mas, vinte metros adiante, deteve-se, exausto, e ali ficou, estirado de bruços.

- Alves - gritou, com a energia que lhe restava.

Aprestou o ouvido em vão.

- Compadre Alves! Não me negue esse favor! - chamou de novo, erguendo a cabeça do chão.

No silêncio da selva não se ouviu nenhum som. O homem ainda encontrou forças para voltar à sua canoa, e a corrente, recolhendo-a, levou-a velozmente à deriva.

O Paraná, nessa região, corre no fundo de uma imensa vala, cujas paredes, altas de cem metros, encaixotam funebremente o rio. Já nas margens, guarnecidas de negros blocos de basalto, levanta-se o matagal, negro também. À frente, ao lado, atrás, a eterna muralha lúgubre, e lá embaixo o rio remoinhoso arremetendo em borbotões de água barrenta. A paisagem é feroz e nela pontifica um silêncio de morte. Ao

entardecer, contudo, sua beleza calma, sombria, adquire uma incomparável majestade.

Declinara o sol quando o homem, meio deitado no fundo da canoa, teve um violento calafrio. E de repente, com assombro, ergueu devagar a cabeça: sentia-se melhor. Doía menos a perna, a sede era menor, e seu peito, como liberto, abria-se para uma lenta inspiração.

O veneno começava a ir embora, não havia dúvida. Sentia-se quase bem, e embora não conseguisse nem mover a mão, contava com o orvalho para restabelecer-se. Calculou que antes de três horas estaria em Tacurú-Pucú.

O bem-estar aumentava e com ele uma sonolência cheia de lembranças. Não sentia nada na perna ou no ventre. Viveria ainda seu compadre Gaona em Tacurú-Pucú? Talvez pudesse se encontrar com seu ex-patrão, Mister Dougald, e também com o conferente das madeiras.

Chegaria logo?

O céu, ao sol-posto, era uma tela dourada, e o rio também se enchia de cores. Da costa paraguaia, escurecida, o mato derramava no rio seu frescor crepuscular, com penetrantes exalações de flores e de mel silvestre. Um casal de araras cruzou muito alto e em silêncio, na direção do Paraguai.

Lá embaixo, no rio de ouro, a canoa derivava velozmente, de quando em quando girando sobre si mesma nos cachões de um redemoinho. O homem que ia nela se sentia cada vez melhor e ia calculando quanto tempo se passara desde a última vez que vira seu ex-patrão Dougald. Três anos? Não, nem tanto. Dois anos e nove meses? Quem sabe oito meses e meio? Isso sim, seguramente.

E percebeu, de repente, que estava gelado até o peito. O que seria? E sua respiração...

Conhecera o conferente de madeiras de Mister Dougald, Lorenzo Cubilla, em Puerto Esperanza, numa sexta-feira santa... Sexta? Sim... ou seria numa quinta?

O homem esticou lentamente os dedos da mão.

- Uma quinta...

E parou de respirar.



Miami seduz Manzollilo

O desejo de desbravar horizontes culturais inéditos. O de escrever e editar nos Estados Unidos novos trabalhos. Dois dos inéditos já foram escritos em Miami. Outra motivação expulsora: o de fugir da incultura brasileira, podadora dos nossos valores. Mas, quem sabe, no interior, o velho desejo de aventura?

Carioca, escritor, jornalista, político... Ainda tem muito mais adjetivos para qualificar Luiz Manzollilo. Mas para os amigos e admiradores que deixou em Brasília, nos mais de 20 anos em que morou no Distrito Federal, basta apenas a referência do nome. Manzollilo desenvolveu na capital federal uma febril produção literária. Como escritor, recebeu em 1991, da Academia Brasileira de Letras, o Prêmio Afonso Arinos, conferido a A Barca de Ceres.

Manzollilo pertence a três academias - Academia de Letras do Brasil, Academia Barbacense de Letras e Academia Taguatinguense de Letras -, à ANE (Associação Nacional de Escritores) e ao Sindicato de Escritores do DF. Dentre as 20 obras publicadas pelo autor, destacam-se: A Hora do Poder, A Chinês

Dagger e Pão de Barro, romances; Infinita Espiral, poesia; Futebol: Revolução ou Caos, ensaio; O Brasil Socialista - Como Será?, ensaio; Conexão Ômega e O Viajante, novelas-folhetim; e A Barca de Ceres, contos e novela. Entre as obras inéditas destacamos: The Eagle and the Tocoloro e Horizonte do Sonho - Oricabana, romances; The Angel and I - Pillars of the Spirit - Pathways to Prosperity, novela, auto-ajuda; e Oh! Shirley..., comédia teatral.

Seduzido pela *latinidad* da ensolarada Miami, nos Estados Unidos, Luiz Manzollilo, após a merecida aposentadoria pelo Banco Central, se mudou de vez para lá. Segundo ele, "para fugir da incultura brasileira". Mas Manzollilo não esquece a nossa "terrinha" e de Miami nos manda a entrevista abaixo.

"O povo que não lê está sempre à beira da alienação".

DF Letras - O que o levou a Miami?

LM - O desejo de desbravar horizontes culturais inéditos. O de escrever e editar nos Estados Unidos novos trabalhos. Dois dos inéditos já foram escritos em Miami. Outra motivação expulsora: o de fugir da incultura brasileira, podadora dos nossos valores. Mas, quem sabe, no interior, o velho desejo de aventura?

DF Letras - Mas Brasília é fraca de cultura?

LM - Nem o Brasil o é, nós temos muita cultura. Falta transformá-la num produto. Para isso é preciso um mercado. Mas só o temos quando formos um povo educado para ler. Povo que não lê está sempre à beira da alienação e da submissão.

DF Letras - O senhor já foi político. O Brasil do Plano Real melhorou?

LM - Em certos aspectos, sim. Mas uma nação não se faz só com números, finanças. Uma nação se faz com homens e livros.

Mas sem estes não se fazem aqueles. O Brasil melhorou, mas limitadamente. Daqui de fora a impressão que se tem é que o Brasil é um rico perdulário. Nós não temos um projeto nacional, não sabemos o que queremos ser, aonde ir.

Cada governo põe uma meia-sola e toca como pode. O último projeto

nacional foi o único, o de Tiradentes. Os Inconfidentes sabiam o que queriam. Getúlio e JK tentaram retomar o mártir e, de certo modo, mártires também foram.

DF Letras - Fale de suas obras recentes. Começamos com Pão de Barro? Quais as características principais do romance?

LM - Trata-se de uma história industrial nutrida em fatos reais, sugestão de Oscar Alvarenga. Na Ipatinga da inauguração da Usiminas, dois amigos fundam uma padaria e vivem o drama da semiparalisação da planta sob o regime militar de 64. A tônica é o realismo psicológico, mas também serve como crônica da luta esquerda-direita e das próprias contradições brasileiras. É também uma saga de amor e ódio, altruísmo e ambição.

DF Letras - E quanto ao premiado A Barca de Ceres? O prefaciador João Carlos Taveira diz que a sua Barca da Utopia é uma Saga de Noé rediviva, ali se misturando "o farsfrio dos ingredientes de uma aventura de argonautas e da busca de um jardim de éden reconquistado". O que pode dizer disso?

LM - É uma coletânea de 15 contos e a novela-título de ficção científica ambientalista. Como diz o editor na contracapa, Uma Saga do Ano 3000, provável que a "motivadora da premiação pela ABL" por sua originalidade. Esta é vários dos contos - como A Voz, As Aventuras do Hiperman no Brasil e A Volta dos Marcianos - são total ou parcialmente ambientados em Brasília. Quanto ao Taveira e seus elogios à obra, o que dizer? Pois não é a generosidade a marca dos grandes poetas?

